

# REVISTA ADVENTISTA

JUNHO DE 1965

*A Irmã White e a economia*

*A nossa parte no plano missionário da Escola Sabatina*

*O valor da cultura no meio Adventista*

ANO XXVI N.º 225

## A Volta de Jesus na Feira Mundial de Nova Iorque

A. CASACA

*É algo delicado e, de certo modo, temerário procurar atrair as atenções do público na grandiosa Feira Mundial de Nova Iorque, que reabriu, há semanas, perante mais de 150 000 pessoas. Já se contam aos milhões os visitantes do extraordinário certame. Os países expositores enviaram para os seus pavilhões verdadeiras preciosidades artísticas. Basta recordar que o Estado do Vaticano concorreu com a famosa «Pietà» de Miguel Ângelo, e ainda com uma tiara papal cravejada de pedras preciosas de grande valor.*

*Os visitantes podem admirar obras preciosísimas de Goya, Velasquez, El Greco e de tantos outros, clássicos e modernos, incluindo Picasso.*

*Também a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia se apresentou na grande Feira*

*Mundial de Nova Iorque, erguendo o seu pavilhão, entre os congéneres de uns quarenta países e de diversas construções que rivalizam entre si no insólito, na magnificência e na complexidade.*

*A nossa Igreja Adventista também levantou o seu pavilhão, numa secção do Centro Protestante e Ortodoxo que se ergue nas proximidades da entrada principal. Apesar da sua simplicidade de construção e da nudez do recheio, a verdade, porém, é que o Pavilhão da Igreja Adventista impressiona os visitantes.*

*Não ostenta estatísticas referentes à obra, aos seus progressos, às suas actividades filantrópicas, aos seus recursos financeiros; entendeu porém a Conferência Geral que tais números parecem va-*

(Continua na página 24)

Ilumidrama Adventista na Feira Mundial de Nova Iorque



## SUMÁRIO

A Volta de Jesus na Feira Mundial de Nova Iorque

Editorial

A Irmã White e a economia

A nossa parte no plano missionário da Escola Sabatina

O valor da cultura no meio Adventista

Notícias do Campo

«Quem subirá ao monte do Senhor?»

O Orfeão do Curso Teológico

O Auxiliar da Escola Sabatina

JUNHO DE 1965

ANO XXVI N.º 225

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,  
F. MENDES, M. MIGUEL,  
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

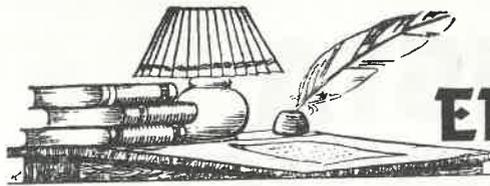
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3500

Assinatura anual 30500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# Página EDITORIAL

*Prezados Irmãos e Irmãs:*

Só na eternidade poderemos cantar, dignamente as misericórdias do Senhor.

### O Curso Teológico

Conforme se anuncia neste número da Revista, constituiu um verdadeiro êxito a visita do Coro do Curso Teológico às igrejas do Norte, do Centro e do Sul. Aproveitamos a oportunidade para anunciar que se encerraram os trabalhos escolares deste ano lectivo, após os exames finais das provas escritas e orais.

Que Deus abençoe os nossos jovens estudantes e os livre dos ardis deste século mau e corrupto para que possam trabalhar, proficiente-mente, na Obra do Senhor.

### Férias à Vista

A todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs que vão partir para as suas férias, lembramos, mais uma vez, a necessidade de repou- sar, sim, do trabalho material, mas, nunca, do trabalho espiritual. Não esqueçam, pois, de levar consigo: a Bíblia, alguns livros do Espírito de Profecia, o Trimensário, a Vigília Matinal, a Revista Adventista com o comentário da Escola Sabatina.

E, prezados Irmãos, depois de boas e merecidas férias, que regressem retemperados de corpo e espírito, para prosseguir o trabalho material e também o espiritual, até que cheguemos à terra prometida, onde o Salvador nos está preparando lugar.

*A. Casaca*

### Assembleias da União

Vão efectuar-se de 3 a 6 do corrente mês de Junho as Assembleias Ordinárias da União Portuguesa.

É sempre com alvoroço bem justificado que as nossas igrejas elegem os seus delegados que hão-de trazer as saudações cristãs dos Irmãos que lá ficam, e levar-lhes depois as saudações de todos os participantes nos trabalhos das nossas Assembleias.

Vamos ter ensejo de ouvir as experiências dos nossos Irmãos da Conferência-Geral e da Divisão Sul-Europeia, sempre apreciadas e desejadas.

Vamos ter oportunidade de saudar e abraçar os nossos Irmãos que, como delegados nos trazem as palavras amigas e fraternais das nossas igrejas.

Benvindos e que Deus abençoe, copiosamente os trabalhos e torne eficientes as resoluções que forem tomadas para o avanço da Mensagem.

### Campanha das Missões

Muitos e grandes louvores podemos entoar ao nosso bom Deus, que nos permitiu, mais um ano, chegar a bom termo, no trabalho da Campanha das Missões.

É com o coração cheio de júbilo que vos anunciamos que as notícias recebidas das várias igrejas têm sido animadoras e de boas novas.

Graças a Deus que abençoou grandemente o trabalho dos nossos dedicadíssimos Irmãos e Irmãs, que tão generosa e entusiasticamente se dedicaram à Campanha.

# A Irmã White e a economia

ERNESTO LLOYD

Ellen G. White estava muito familiarizada com as muitas bênçãos que resultam da prática da economia. Poderia ter fruído muito mais conforto na vida, mas economizava por amor da causa que tanto amava. Além do mais achava que devia ser um exemplo aos crentes. Punha em prática aquilo que ensinava aos outros.

Ainda bastante jovem, em Nova Inglaterra, foi ensinada a ser econômica e parcimoniosa na maneira de gastar o dinheiro; e assim, permaneceu com ela através de toda a sua longa vida o hábito da economia que havia contraído na infância. O seu costume de economizar um pouco aqui e um pouco ali, habilitou-a a ser liberal com os necessitados.

Depois do grave acidente que sofreu na infância, infligido por uma colega irada, em Portland, no Maine, ficou confinada ao lar, durante muito tempo. O pai era chapeleiro. Durante o longo período da sua convalescença, Ellen, com as irmãs, ajudava o pai no trabalho de fazer chapéus e nesse trabalho ganhava ela cerca de 25 centimos, por dia. A maior parte desse dinheiro devolvia ela ao pai, a fim de que lhe comprasse folhetos sobre a segunda vinda de Jesus, pois toda a família aceitara a fé adventista, através das pregações de Guilherme Miller, na sua cidade. Vemos assim que ela começou já na sua pré-adolescência a testificar do Senhor, e para fazer isso, poupava parte do seu pequenino ganho.

Depois do seu casamento com Tiago White, em 1846, a receita da família era de facto pequena; quando, porém, os esposos White se mudaram para Rochester, em 1852, raíram-lhes dias mais auspiciosos. Aí estabeleceram a nossa primeira pequenina casa editora. Foi concedida à Irmã White uma pequena importância para o cui-

gado do lar, e dessa importância conseguia poupar algumas moedas.

Vou contar-lhes, embora resumidamente, a história da meia atrás da porta. A Irmã White dependeu um pé de meia atrás de uma porta de pouco uso, e nela colocava de quando em quando pequenas moedas. Através das semanas e dos meses foram-se assim acumulando bastantes moedas. Um dia, o esposo, quando regressou do escritório, disse-lhe que tinha um problema: era tempo de imprimir outro número da *Review*, e o papel para isso já estava na estação, mas ele não tinha dinheiro suficiente para pagar o frete.

Quanto dinheiro era necessário? A soma de 64 dólares. Foi então que a Irmã White ficou muito satisfeita por ter o pé de meia atrás da porta. Mas não sabia a quantia exacta que nele se encontrava. Tirou o dinheiro e quando o contaram, verificaram que tinha exactamente 64 dólares! Podemos imaginar como se sentiram contentes, especialmente o pastor! Quão grato se sentiu por ter uma esposa econômica, e pela bondosa Providência divina! Aquele número da *Review* saiu a tempo.

## O Vestido de Seda

Quando a Irmã White estava na Europa, entre os anos de 1885 e 1887, alguns amigos deram-lhe de presente um belo vestido de seda. Considerando que ela viera da longínqua América para os ajudar, deram-lhe o melhor presente que podiam. A Irmã veio a saber disso e resolveu vender o vestido de seda. O produto da venda foram 50 dólares, e a Irmã White deu alegremente a importância ao Pastor Andrews. Concluiu que podia passar com os vestidos que já possuía.

Num dos primeiros anos que passou na Austrália (1891-1900), a Irmã White sofreu muito de reu-

matismo. Isso causava-lhe muito dissabor, naturalmente, e um dia expressou o desejo de possuir uma cadeira de braços, como as que usavam os doentes de um sanatório que visitara. Um membro da sua família revelou esse desejo a uns amigos nos Estados Unidos e estes enviaram-lhe trinta dólares. Justamente naquela ocasião estavam construindo uma igreja na Austrália, e foi premente a necessidade de mais dinheiro para a terminar. A Irmã White entendeu que deveria concorrer e para lá enviou os 30 dólares. Assim era Ellen G. White. Passava sem muitas das coisas que se consideram em geral como artigos de primeira necessidade, pois tinha prazer em ajudar a promover a causa de Deus.

«Temos ouvido dizer que a Irmã White ganhou bastante dinheiro com os seus livros. Que fez ela com todo esse dinheiro?». Esta pergunta tem-me sido feita muitas vezes.

A resposta é simplesmente esta: «Dava a maior parte dele». E, às vezes, até pedia dinheiro emprestado para ajudar alguma instituição pequena, em dificuldades financeiras. O seu filho Guilherme, com quem trabalhei no antigo escritório de Elmshaven, falou-nos em incidentes relacionados com donativos da sua mãe, em dinheiro, a essas instituições, e da alegria que ela experimentava em fazer esses donativos de modo a ajudarem a promover a causa que ela tanto amava.

Foi a prática da economia que tornou possível à Irmã White: dar, dar e dar! Sabia o que eram tapetes de retalhos, usados antigamente. Ela mesma fez alguns para o seu lar, na velha Battle Creek, em Wood Street. Naqueles dias, os tapetes de retalhos representavam economia. Talvez o leitor desconheça o seguinte incidente: Certa vez o Irmão White, ao entrar em

(Continua na página 10)

## A Escola Sabatina — o Coração da Igreja

A. CASACA

**A** Escola Sabatina ocupa, na Igreja, por direito próprio das suas funções, o lugar do coração. Tal como nos seres vivos o coração é o centro da vida, assim também a Escola Sabatina é o centro de toda a actividade vital da Igreja.

Desde o momento histórico de 1852, em que Tiago White escreveu as primeiras lições da Escola Sabatina até os nossos dias, sempre se manifestou um progresso contínuo, tanto na sua redacção como nos seus efeitos.

Podemos dizer, sem exagero, que a Escola Sabatina é o termómetro que manifesta a espiritualidade da Igreja. Todas as actividades da Igreja recebem impulso vincado e força eficaz da Escola Sabatina. Daí o seu valor real e imprescindível, pois como coração que é da Igreja, nunca pode parar, nem um só instante, para que haja sempre vida, e vida frutuosa e abençoada na Igreja.

### A Escola Sabatina e o Estudo da Bíblia

Por definição, a Escola Sabatina é o estudo da Palavra de Deus.

«A Escola Sabatina oferece a pais e a filhos preciosas oportunidades para o estudo da Palavra de Deus! Mas afim de receberem o benefício que devem conseguir na Escola Sabatina, tanto os pais como os filhos precisam de dedicar tempo ao estudo das lições procurando obter um perfeito conhecimento dos factos apresentados, bem como das verdades espirituais que esses factos têm por fim ensinar. Devemos especialmente impressionar a mente dos jovens com a importância de compreender, plenamente, o signifi-

ficado do texto, que se estuda.» (*Testemunhos para a Escola Sabatina*, pág. 10).

Sabemos do cuidado e diligência com que são preparadas as lições da Escola Sabatina das várias divisões desde as classes infantis até à dos adultos. Estão a cargo de irmãos que possuem grandes conhecimentos escriturísticos e do Espírito de Profecia, assim como de boa prática pedagógica.

O estudo diligente e aplicado das Lições da Escola Sabatina proporciona aos seus alunos uma das formas mais atraentes e proveitosas de aprender a Sagrada Escritura, familiarizando-os com a Palavra de Deus, levando-os a amá-la e a conhecê-la, cada vez mais.

Somos verdadeiramente o povo da Bíblia graças à Escola Sabatina, tão rica e preciosamente abençoada por Deus.

### A Escola Sabatina, poderoso meio de evangelização

«A Escola Sabatina deve ser um dos maiores instrumentos e o mais eficaz em levar almas a Jesus.» (*Testemunhos sobre a Escola Sabatina*, pág. 20).

O estudo das lições que nos são apresentadas na Escola Sabatina constitui, sem dúvida, um precioso meio de evangelização, porquanto, fazendo passar perante a inteligência dos alunos, as grandes verdades reveladas apresenta-se como um dos mais seguros e eficientes meios de dar a conhecer a Mensagem da salvação, o Evangelho eterno. E cada aluno da Escola Sabatina torna-se, conseqüentemente, num outro professor, porque repleto dos conhecimentos das verdades eternas, sente no coração o fogo ardente de comunicar aos outros as mes-

mas Boas-Novas da salvação, que ele tanto deseja para si, como para o seu semelhante.

Abençoada Escola Sabatina que nos torna pregadores da Mensagem do Advento pois nos impele a ensinar as verdades da Salvação, porquanto «da abundância do coração fala a boca».

«As nossas Escolas Sábatinas não são nada menos que sociedades bíblicas, e no santo trabalho de ensinar as verdades da Palavra de Deus, podemos realizar muito mais do que até ao presente... A influência que emana da Escola Sabatina deve melhorar e engrandecer a Igreja; mas em caso algum se deve permitir que ela se desvie dos interesses da Igreja.» *Testemunhos sobre a Escola Sabatina*, pág. 29).

### A Escola Sabatina, grande escola missionária

«Há na Escola Sabatina um precioso campo missionário, e se agora há sinais que fazem prever o bem, são eles apenas indicações e começos do que pode ser feito». assim escrevia a Irmã White, em Janeiro de 1889 no *Sabbath School Workers*.

Efectivamente, a Escola Sabatina oferece a todos e a cada um dos membros da Igreja a melhor oportunidade de exercer uma frutuosa obra missionária. Através das lições, tão cuidadosamente preparadas por dedicados Irmãos de grande experiência, cada membro da Escola Sabatina transforma-se num missionário, porque leva às inteligências dos seus ouvintes a Mensagem da Verdade. Podemos dizer que a Escola Sabatina constitui, por excelência, uma grande

(Continua na página 11)

## A Escola Sabatina e a Mordomia Cristã

«Cada um . . . conforme a sua prosperidade»

D. VASCO

«**N**O primeiro dia da semana *cada um* de vós ponha de parte o que puder ajuntar, *conforme a sua prosperidade*, para que se não façam as colectas quando eu chegar». 1 Cor. 16:2. Foram estas as palavras que o apóstolo Paulo dirigiu aos crentes da igreja de Corinto, a propósito duma oferta que devia ser levantada a favor dos crentes pobres de Jerusalém. Além de um apelo para a generosidade e liberalidade da Igreja, a recomendação do apóstolo envolve um dever individual e um método a seguir. Falemos, em primeiro lugar, do dever.

### Um Dever

Paulo não receia levantar contra si o ânimo daqueles que por natureza não são inclinados à generosidade. Dirige-se a todos e diz: «cada um de vós». Usa até a sua autoridade apostólica, escrevendo: «... faizei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia». 1 Cor. 16:1. E o Espírito de Profecia emprega os termos mais severos quando se dirige àqueles que não estão dispostos a se sacrificar pela obra de Deus. Escreve a irmã White: «Foi-me mostrado que muitos do nosso povo roubam ao Senhor em dízimos e ofertas, e, em resultado, a Sua obra é grandemente impedida. A maldição de Deus repousará sobre os que vivem das munificências de Deus e contudo cerram o coração e nada ou quase nada fazem para promover a Sua causa. Irmãos e irmãs, como pode o beneficente Pai continuar a fazer-vos mordomos Seus, fornecendo-vos meios que deveriam ser empregados em Seu favor, quando tudo agarrais, reclamando egoisticamente o que vos pertence?» *Test. Selectos*, vol. 2, pág. 43.

A maldição de Deus não pode ser outra coisa senão a ausência da Sua bênção, essa bênção de que fala o profeta Malaquias e que re-

sulta em maior prosperidade. Deus deseja prosperidade a todos os Seus filhos, mas muitos a rejeitam, desprezando a bênção de Deus, e conseqüentemente atraem sobre si a maldição, por não serem fiéis no dízimo e generosos nas ofertas.

### Um Método

Falemos agora do método. Paulo não desejava que se deixasse a colecta para a última hora, dependente dos recursos do momento. Devia antes ser preparada com antecedência, «no primeiro dia da semana»; diríamos hoje, na maioria dos casos, «no primeiro dia do mês», altura em que, de posse dos recursos destinados às várias despesas, diz o apóstolo, «cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade». A medida da prosperidade é, na opinião do grande apóstolo, o que deve determinar até onde vai o dever de cada um.

Ouçamos ainda o conselho do Espírito de Profecia, acerca das ofertas: «Não deve esta questão ser deixada ao nosso entusiasmo momentâneo. Deus deu-nos instruções precisas a este respeito. Os dízimos e as ofertas incluem-se nas nossas obrigações morais. O Senhor deseja que as nossas dádivas e ofertas sejam feitas de uma maneira regular e sistemática . . . Posto o dízimo de lado, que o montante das nossas dádivas e ofertas seja calculado segundo o grau de prosperidade que Deus nos concede». *Counsels on Stewardship*, págs. 80, 81. Há pois uma relação directa entre o dízimo e as ofertas, devendo ambos basear-se no montante das receitas de cada indivíduo.

Acerca da generosidade do povo de Deus no passado, lê-se o seguinte passo no livro *Patriarcas e Profetas*, pág. 560: «As contribuições exigidas dos hebreus, para fins religiosos e caritativos, montavam

a uma quarta parte completa das suas rendas. Uma taxa tão pesada sobre os recursos do povo, poder-se-ia esperar que os reduzisse à pobreza; mas, ao contrário, a fiel observância destes estatutos era uma das condições da sua prosperidade». A experiência de Israel confirma, pois, a outra afirmação de Paulo, em 2 Cor. 9:6. «O que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará».

### O Plano 3 %

Lemos mais no livro *Actos dos Apóstolos*, pág. 337: «A liberalidade requerida dos hebreus era-o em grande parte para beneficiar a sua própria nação; hoje em dia, a obra de Deus se estende por toda a terra. Cristo tinha colocado nas mãos dos Seus seguidores os tesouros do evangelho, e sobre eles colocou a responsabilidade de dar as alegres novas da salvação ao mundo. As nossas obrigações são muito maiores, seguramente, do que foram as do antigo Israel».

Ora, para fazer face a essas obrigações e às necessidades sempre crescentes do campo missionário mundial, calcula-se que as ofertas da Escola Sabatina devam ser, pelo menos, o equivalente a 3 % das receitas totais dos crentes, o que representaria o mesmo que 30 % dos dízimos totais.

Isto sugere o método conhecido por «Plano 3 %». Já se tem feito bastantes referências a este plano, mas surgem por vezes ainda algumas dúvidas sobre a maneira de o pôr em prática. É um método simples, delineado segundo os conselhos da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia. Aquele que o adopta não tem mais do que, depois de ter separado o seu dízimo, pôr de parte mais 3 % daquilo que recebeu, ou, para facilidade de cálculo, por cada dez escudos de dízimo

(Continua na página 10)

# O valor da cultura

## no meio Adventista

Num colóquio entre dois jovens da Direcção do Departamento Cultural da Sociedade dos Jovens de Lisboa, ouvimos que defendiam a necessidade da cultura no meio Adventista, e de levar a efeito ciclos de conferências públicas no intuito de concorrerem para a expansão da Mensagem de Deus.

Será, com efeito, de grande valia a cultura geral no meio Adventista, além da sua própria cultura teocrática cristã — única base fundamental da redenção — assim como o exercício de conferências culturais como um dos meios expansivos da Obra de Deus?

Uma resposta negativa a estas perguntas, seria um absurdo. E, do mesmo modo não pensamos como aquele indivíduo, há tempos, que tendo uma filha a estudar no liceu, tirou-a de lá quando aceitou o Adventismo, alegando que ela «não necessitava mais de outra instrução porque agora tinha a Palavra de Deus para nos ensinar todas as coisas». Evidentemente que a Palavra de Deus, é a única fonte da conduta recta genuína e da salvação. Mas Deus não nos inibe da cultura intelectual, pelo contrário, apoia-a, visto que criou o homem não só com faculdades espirituais e morais, mas também intelectuais.

### I — O que é essencial para a nossa redenção

Precisamos, porém, focar e considerar o assunto na devida profundidade e extensão, que apresentamos aqui em síntese, porque

dontra forma não pode ser num simples artigo.

Se alguém pretender que, para se ter uma noção sólida duma conversão genuína, é necessária a cultura geral para se poderem fazer as devidas investigações e chegar a conclusões, admite um erro crasso. É o homem ilustrado que necessita de fazer essas investigações e não o inculto, porque não o pode fazer nem é necessário.

O homem ou a mulher incultos podem estar verdadeiramente convertidos se forem instruídos devidamente, sendo alheios a qualquer cultura intelectual. E mais ainda: pode ser competente para dar lições de moral e de religião ao seu próximo mesmo que este seja culto. Já tem acontecido que servos converteram os seus senhores que eram acessíveis.

E o que é mais interessante ainda, é notar aquele pregador leigo, completamente analfabeto, mas que tinha um dom de palavra que muitos obreiros desejariam ter. Ele pedia a quem lesse as passagens bíblicas desejadas, em que baseava os seus sermões, e tinha o seu público.

Sem dúvida que a mentalidade duma pessoa culta é diferente da que não o é, mas sob o ponto de vista espiritual, é semelhante. Para Deus não há acepção de pessoas nesse sentido. «A fé que uma vez foi dada aos santos», é igual para todos. Quem converte é o Espírito Santo. Tem-nos dado prazer falar com os irmãos e irmãs das classes humildes com quem temos contac-

tado e convivido. As suas conversas das suas experiências pessoais e sociais, bem como as expressões dos seus rostos, mostram bem a superioridade da sua dignidade e da sua paz em Deus comparadas.

Mas, como veremos mais adiante, cairíamos igualmente no erro, do lado oposto, se não apreciássemos e desejássemos devidamente a cultura geral. Mas antes disso, meditemos ainda numa outra rubrica relacionada com a que estamos tratando, que é:

### II — A nossa hierarquia histórica é, com efeito, essencialmente teológica

#### a) A nossa hierarquia israelita.

Como sabemos, não somos senão os descendentes espirituais do antigo povo de Deus, quer na antiga, quer na dispensação cristã. Qual era o fundamento essencial que Deus estabeleceu para o seu antigo povo de Israel? O fundamento foi sempre o mesmo em todos os tempos: «Sede santos porque eu sou santo». Israel falhou, como sabemos, mas esse era o princípio básico da religião que Deus lhe revelou.

Além da sua superioridade nesse sentido, Israel tornou-se também superior aos outros povos pela sua concepção lógica de Deus, assim como foi o primeiro povo que possuiu um conhecimento científico do Universo criado por Deus. Estamos habituados a saber pelas didácticas clássicas que os primeiros filósofos gregos foram os primeiros que deram os passos iniciais para a racio-

nalização do Universo, isto é, que começaram a descobrir as leis que regiam o Universo, perante as fantásticas concepções mitológicas que viam uma divindade em cada fenómeno físico da natureza. Está errado. Muito antes dos filósofos, o povo de Israel, que acreditava que o Universo havia sido criado por Deus, sustentava que este era regido por leis criadas também pelo seu Criador, ao passo que também os filósofos, até à escola socrática, procuravam apresentar a Causa Primária, não em Deus como o pensamento coerente de Israel, mas em pensamentos panteístas ou materialistas mais rígidos.

b) A nossa hierarquia cristológica.

Igualmente a nossa hierarquia vem, por ordem cronológica do Cristianismo primitivo, cujo pensamento básico era igualmente sempre o mesmo: «Sêde santos, porque Eu sou santo» e realizei esta obra em vós, através do Salvador Jesus, e te darei a vida eterna.

Assim vemos que o essencial para a redenção humana, é a formação de caracteres santos que é extensiva a todas as classes sociais.

### III — *Necessidade da cultura superior clássica no meio Adventista*

Chegou agora o momento de dizermos em traços igualmente breves, que não caímos no extremo oposto, declarando que a cultura geral não é necessária nem desejada no meio Adventista.

Apreciamos muito a ilustração nas nossas vidas pessoais e necessitamos dela para um ministério evangélico eficiente.

A nossa tese e cruzada «Reparadora de Rupturas», por mandato

de Deus, exige um vasto conhecimento cultural e uma visão clara das causas do drama do mundo, governado interinamente pelo Diabo, bem como da luz e do remédio da Palavra de Deus para podermos atingir também o nível cultural das respectivas classes com a mensagem de Deus.

Diz a nossa Irmã White, além da necessidade da cultura elevada, embora a Obra de Deus se possa realizar noutros sectores sem ela, que «devemos idealizar meios» para que a Mensagem de Deus possa atingir as classes elevadas, de conformidade com a luz do mandato do Salvador.

### IV — *Necessidade de promover sessões culturais*

Há, portanto, necessidade de levar a efeito no nosso meio sessões públicas de actividades culturais objectivas, cuja finalidade é apresentar temas relacionados com a nossa Cruzada evangélica.

Graças a Deus que temos à nossa disposição a criação dum departamento cultural a cargo da Sociedade dos Jovens.

Há pouco ouvimos que a Direcção do Departamento Cultural da Sociedade dos Jovens, sugeriu que se iniciasse um ciclo de conferências culturais promovido pela respectiva Sociedade, sob o título «A necessidade da cultura no meio Adventista». Como o assunto inicial diz também respeito à orientação que a Direcção deve tomar, é necessário um estudo conveniente o que deu origem à nossa proposição aqui apresentada.

Além do que já dissemos, acrescentamos que temos cá uma equipa de Irmãos mais ou menos cultos de entre os pastores e demais obreiros, médicos e outros licenciados, estudantes universitários e pré-universitários, e ainda outros com

instrução e aptidões, entre os quais se podiam escolher colaboradores para esse fim.

Ao serem tratados assuntos científicos, filosóficos, morais, sociais, literários, teológicos, etc., é necessário relacioná-los com a luz e o remédio de Deus.

Podem ser também apresentados temas de carácter religioso à luz dos nossos princípios, mas como terão cunho cultural, a pessoa vem assistir a uma sessão cultural e não a um sermão religioso, se é que só neste sentido viria.

### V — *Métodos de êxito*

Haverá êxito assegurado se os temas forem palpitantes e que devem ser apresentados com a maior simplicidade possível para se poder atingir o mais possível as mentes menos favorecidas pela cultura, mas sem afectar a elegância que as mentes cultas apreciam.

Além disso, para o êxito assegurado, é necessário estudar os métodos do melhor anúncio. Os títulos sugestivos e os melhores métodos do anúncio, são de capital importância. Se for possível devem afixar-se cartazes no nosso edifício a esse respeito.

### *Conclusão*

Como se vê, o pensamento básico da nossa breve tese, é apoiar com toda a satisfação um empreendimento de valor capital, cujo plano fora sugerido, e focar as razões hierárquicas e sociais comparadas da nossa razão de ser e da nossa missão.

Aqui fica exarada a nossa proposição. Só nos resta acrescentar que rogamos a Deus para nos inspirar com a sua sabedoria e vontade para realizarmos da melhor forma a sua Obra.

J. F.

## NOVAS DA COSTA VERDE

A linda vila de Espinho conhecida também por muitos pelo nome de Costa Verde, embelezase com a chegada da Primavera. Como que por encanto surgem as flores nos jardins, as árvores ressuscitam do sono do Inverno, o mar torna-se mais manso e mais verde, o céu mais azul. Deus envia o seu sol e os seus raios brilhantes dão mais luz e mais calor.

Comungando com esta risonha primavera, reina também entre os crentes de Espinho um estado de espírito verdadeiramente primaveril. Sucedeu que o seu sonho de há alguns anos, que era possuir uma nova Sala de Culto, acaba de se tornar uma realidade.

As condições em que nós aqui em Espinho nos encontrávamos não eram de modo a encorajar muito os nossos esforços missionários, nem a nos aproximar mais de Deus — um Senhor Santo e amante do Belo — que aqui em Espinho era adorado num local que em boa verdade, muito devia à beleza e a um mínimo de comodidade. Por isso, os irmãos de Espinho anseavam por uma sala de Culto onde melhor pudessem ir à presença do Senhor. Finalmente cumpriu-se o velho ríflão: — quem porfia sempre alcança —. Após porfiados esforços foi encontrada uma sala que Deus nos preparou. Concedida a indispensável autorização dos irmãos da União, aos quais desejamos sinceramente agradecer pela sua boa vontade e compreensão neste caso foi feito o respectivo aluguer.

Duraram cerca de três meses as obras de adaptação e mobiliário que se tornaram necessárias fazer, mas chegados ao fim e após muito trabalho voluntário da parte dos nossos dedicados crentes de Espinho, pudemos contemplar um maravilhoso lugar para a Igreja se congregar, cheio de luz, de brancura, amplo e convidativo. Sempre que ali entramos invade-nos um sentimento de bem-estar que nos dispõe ao sossego e à meditação. No 1.º andar temos a Sala principal com capacidade para cerca de 120 pes-

soas sentadas, e outras divisões de utilidade vária. No r/c. fica a sala de jovens onde funcionam as classes infantis, assim como um local onde mais tarde se poderá construir um baptistério.

Foi nesta casa que no passado dia 1 de Abril, pelas 21 horas, com a presença do Coro do Curso de Teologia de Lisboa, tivemos a primeira reunião inaugurativa, das quatro que se integram no programa de Inauguração. Encheu-se o Templo de crentes e amigos que desejavam abrilhantar com a sua presença esta hora festiva e igualmente estavam desejosos de escutar os cânticos que os nossos irmãos de Lisboa traziam para nos oferecer. Foi um regalo para todos os presentes a actuação do Orfeão de Lisboa. Pensamos no trabalho imenso que teria dado a preparação de tudo aquilo que vimos e ouvimos, mas ao vermos as bênçãos produzidas por tais cânticos, estamos certos de que todos os membros do Coro se poderão sentir amplamente recompensados. Houve até um momento, já quase no fim do programa, que os irmãos intérpretes dos «negros espirituais» tiveram de cantar uma vez mais, para corresponder a vários pedidos de pessoas, que não desejavam partir sem de novo os escutarem. Tivemos pois um primeiro dia de inauguração que a todos agradou plenamente. Damos graças a Deus por esta hora bendita que o Orfeão nos proporcionou, exaltando a Cristo Nosso Salvador.

No dia seguinte, sexta-feira dia 2, à mesma hora da noite anterior, voltámos ao Templo para mais uma reunião. Foi apresentada uma palestra subordinada ao tema: A Mensagem Adventista e a sua obra no Sul da Europa. Procurámos mostrar qual a missão da Igreja Adventista com base na mensagem de Apocalipse 14:6-7, frisando bem que o Adventismo é a proclamação do regresso ao autêntico e verdadeiro Cristianismo. Ao Cristianismo de Jesus Cristo. Em seguida vimos alguns aspectos da nossa Obra no Sul

da Europa através de projecções coloridas e regozijámo-nos pelo desenvolvimento que se está operando por estas paragens da Seara do Mestre.

No Sábado dia 3 foi o dia de Inauguração por excelência. Pelas 10 horas tivemos uma bela Escola Sabatina passada em conjunto pelo Irmão António Ferreira, e durante a qual colaborou o conjunto dos «negros espirituais». Chegada a hora do Culto tomou a direcção da Palavra o Irmão Pastor Casaca que fez o Acto de Dedicção do novo Templo e que dirigiu um vibrante apelo aos crentes de Espinho a fim de trabalharem em favor da salvação dos perdidos, para que o nosso belo Templo se venha a encher de almas sinceras e arrependidas, entregues a Jesus.

No domingo à noite chegámos ao fim do programa de Inauguração. Tivemos uma boa reunião cultural de Jovens. A Mensagem da Cruz foi exaltada através de cânticos, coros, poesias e por diversas interpretações musicais. Prestes a findar foi apresentada a peça «O Filho Pródigo» dirigida pelo nosso Irmão Pedro Fernandes, a qual encontrou eco em muitos corações que foram envolvidos num sentimento de sincera comoção. Praza a Deus que estas almas que foram tocadas pelo precioso contacto da Fé de Jesus, possam todas encontrarem-se um dia na grande Reunião do Lar Celestial.

Assim decorreu esta semana abençoada. Dentro de breves semanas pensamos dar início a um ciclo especial de conferências integrado no Esforço de Evangelização em Espinho. Rogamos a Deus a Sua direcção para que todos nós aqui nesta Congregação possamos unir-nos, dando-nos fraternalmente as mãos, e irmos dedicar boa parte do nosso tempo e forças, trabalhando em favor daqueles que não conhecem a Jesus, que não sabem que Ele está às portas e de que muito em breve Ele voltará.

*José Manuel de Matos*

## Convenção dos Obreiros Voluntários

Durante o mês de Maio findo tivemos o privilégio de efectuar sob a direcção do Pastor Belloy as seguintes convenções de Obreiros Voluntários: no Porto, em Coimbra, no Funchal e em Lisboa.

Vindo da vizinha Espanha, onde dirigiu outras idênticas Convenções, o Pastor Belloy, acompanhado da esposa, passou todo o mês de Maio, adentro do território da União Portuguesa.

Todas as Convenções tiveram sempre muito boa assistência de membros interessados que seguiram, atentamente, as preleções do Irmão Belloy. O lema da Convenção era «A Igreja ao trabalho» assentando na divisa: «Venha o teu reino».

Sobremaneira impressionante foi sempre a última reunião, destinada à sugestiva cerimónia da «Investidura dos 120».

Tenhamos presente o caloroso apelo do Espírito de Profecia:

*«Em visões da noite, imagens passaram diante de mim de um grande movimento de reforma, entre o povo de Deus... abrindo perante elas a Palavra de Deus... A palavra parecia ser iluminada pela influência celeste.»* (C. S. 42)

O encargo era dado pelo Secretário Departamental da União, Pastor Casaca, Director da União, que acompanhou sempre o Pastor Belloy, e proferia a oração de consagração. Seguidamente, dois dos Obreiros Voluntários recém-investidos procediam ao testemunho de compromisso.

*«Membros da Igreja, deixai a luz brilhar... A vossa influência, o vosso tempo — tudo isto são dádivas de Deus e devem ser usadas em ganhar almas para Cristo.»* (C. S. 19).

A bela cerimónia findava com o estreitar das mãos de todas as forças activas, Obreiros e Voluntários formando um cordão vivo e cheio de entusiasmo, posto ao serviço do Mestre, para que em breve todos nos possamos abraçar, na Pátria eterna.

# O IDEAL DA OBRA DE EDUCAÇÃO

(Continuação)

J. ALEGRIA MORGADO

«Deve a juventude cristã exercer grande cuidado na formação de amizades e na escolha de companheiros. Cuidai, para que isso que agora julgais ser ouro puro, não se vos demonstre metal vil. As companhias profanas tendem a pôr empecilhos nos caminhos de vosso serviço a Deus e muitas almas são arruinadas por uniões infelizes, quer em negócios, quer no matrimónio, com os que não podem nunca elevar ou enobrecer. Os filhos de Deus não devem nunca aventurar-se a pisar terreno proibido.» C. J. 436.

«Unires-te a um incrédulo é colares-te no terreno de Satanás.» C. J. 441.

Acerca da idade própria para pensar em escolher um companheiro devemos atender a:

«O bem da sociedade, bem como os mais altos interesses dos alunos,

requer que não tentem escolher um companheiro, enquanto seu próprio carácter ainda não se acha desenvolvido, amadurecido e com discernimento, encontrando-se eles ao mesmo tempo privados do cuidado e guias paternos.» Ed. 442.

Hoje é muito frequente ouvir um jovem, seja de que idade for, gabar-se do seu poder de discernimento e esperteza. «Muitos estavam a navegar em porto perigoso. Precisam de um piloto; mas desdenham receber o muito necessitado auxílio, julgando que são competentes para dirigir o seu próprio barco, e não reconhecendo que ele está prestes a dar em recife oculto, o qual lhes poderá causar o naufrágio da fé e da felicidade». «Neste período, que é o mais importante da sua vida, precisam de um conse-

## A VOZ DA ESPERANÇA

5 de Junho de 1965

Colecta especial a favor da obra pela Rádio

É graças às emissões radiofónicas e aos cursos bíblicos por correspondência que a nossa Mensagem pôde chegar até hoje ao conhecimento de mais de 50 000 pessoas que agora se alegrem com o novo caminho que escolheram. Mas poderia haver muitos outros milhares se cada um de nós cumprisse o seu dever.

É pela

### ORAÇÃO, TRABALHO E OFERTAS

que podemos fazer prosperar esta obra. Portanto, não deixemos, de modo algum, de aproveitar plenamente a possibilidade que nos é concedida, de proclamarmos a nossa fé a milhares de pessoas por meio das ondas.

O que ainda pode ser feito, deve ser feito imediatamente.

Possam as nossas ofertas do Sábado, 5 de Junho, correr abundantemente para o tesouro da Igreja!

casa, viu que a esposa estava a fazer um tapete de retalhos e começou a cantarolar: «*In heaven above, where all is love, there'll be no rag carpets there.*» (No Céu, lá no alto, onde tudo é amor, não haverá tapetes de retalhos). Contudo ele bem se orgulhava do espírito de economia da esposa e da sua habilidade de costureira.

Era tão boa dona de casa como pregadora.

Antes de falecer o Irmão White, em 1881, ele e a esposa haviam dado à Obra Denominacional cerca de 30 000 dólares. A esse respeito escreveu a Irmã White: «Assim o fizemos, pouco a pouco, e o Senhor mostrou que nos podia confiar os Seus meios, e que não os empregariamos para nós mesmos. Ele derramava sobre nós as Suas bênçãos contínuas e nós continuávamos dando-lhes saída.» — *Ellen G. White, Mensageira da Igreja Remanescente.*

Os Whites não se interessavam tanto em confortos e prazeres pessoais, como na actividade de promover a Obra de Deus na Terra. Nisto se absorviam, pois ambos eram plenamente dedicados a Deus. A Irmã White permaneceu viúva por 34 anos, e sem dúvida entregou à Causa outros 30 000 dólares ou mais, antes de falecer; estou, apenas, exprimindo uma opinião.

A Irmã White sentia-se feliz em ajudar os semelhantes, assim como

instituições, e alunos dignos de auxílio, fervorosos e resolutos. Acerca do seu costume de dar escreveu ela: «É assim que se enriquece a Irmã White. Tenho estado a depositar os meus tesouros no Céu.» — *Ellen G. White, Mensageira da Igreja Remanescente.* Que grande auxílio não foi ela às jovens que viveram no seu lar em Battle Creek, na Europa, na Austrália, e em Elmshaven! E também a muitos jovens estendeu uma auxiliadora mão. Bom número desses jovens se tornaram líderes na nossa Obra Denominacional.

Sim, a Irmã White sabia que a prática da economia é um procedimento sábio, habilitando a pessoa a poupar, a ser liberal em dar, e levando bênçãos a outros, bem como a si mesma. Se nós hoje vivêssemos a vida simples da Irmã White, e praticássemos economias em todas as nossas compras, isto é, comprando o que *necessitamos* e não simplesmente o que desejamos, nós adultos estaríamos em condições de nos colocarmos nas fileiras dos que contribuem com ofertas maiores. Que bênçãos não resultariam, para recebedores e doadores! E viver vida simples também traria melhor saúde a grande número dos nossos Irmãos. Economia e simplicidade não duas palavras que bem merecem consideração, hoje em dia, e representam hábitos muito dignos de prática.



Na Igreja de Coimbra, consorciaram-se, no passado mês de Abril, os nossos prezados Irmãos D. Natália do Carmo Lopes e Manuel Martins Mestre.

A igreja conimbricense revestiu-se de galas para festejar os noivos, a quem desejamos as melhores bênçãos de Deus.

Presidiu à cerimónia o Pastor Eliseu Miranda que proferiu uma tocante alocução.

## O IDEAL DA OBRA

(Continuação da pág. anterior)

lheiro infalível, um guia seguro». C. J. 443.

Outro aspecto que convém lembrar é o de desporto e festas escolares do mundo. Se desejamos salvar a nossa juventude devemos dar-lhe dentro das actividades da Igreja o necessário para o desenvolvimento das suas faculdades físicas. «Os alunos que permitem à mente exercitar-se profundamente acerca dos jogos, não se acham nas melhores condições para receber a instrução, o conselho, a reprovação a eles tão essenciais.» C. P. 355.

(Continua)

## A Escola Sabatina e a Mordomia Cristã

(Continuação da página 5)

zimo, pôr de parte mais três escudos. Sabendo assim, de antemão, de quanto dispõe para as ofertas da Escola Sabatina, repartirá essa importância pelos vários sábados, não se esquecendo de a dividir também pelas pessoas da família que não disponham de receita própria. Este plano permite ter sempre preparada a colecta da Escola Sabatina e evitar que chegue um momento em que, por qualquer imprevisto, alguém se veja na contingência de não participar na colecta ou de deitar no saco apenas alguns cobres que, por acaso, tenha no bolso.

No entanto, que ninguém se sinta coagido a adoptar rigorosamente este plano. Podé até acontecer que alguns irmãos tenham outro método igualmente bom, na medida em que esteja em relação com «a sua prosperidade. «Crentes há que vão muito além dos 3%, outros não terão a possibilidade ou a fé necessária para o pôr em prática imediatamente. Que «cada um» examine o seu próprio caso e tome diante de Deus a sua decisão. «Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.» 2 Cor. 9:7.

# « Quem subirá ao monte do Senhor ? »

A. CASACA

« Foi-me revelado que as nossas conferências têm de crescer em interesse e êxito » (Test.)

**M**AIS uma vez temos o privilégio de nos reunirmos, na santa casa do Senhor, no monte santo do Senhor para orarmos em conjunto, trabalharmos e planejarmos, dirigidos por Deus, para ajudarmos, com a nossa quota parte, a abreviar a Volta gloriosa do Senhor Jesus.

Reunidos, neste mês de Junho, nas Assembleias constituídas pelos representantes capazes das nossas igrejas, o nosso denominador comum não assenta em princípios humanos, doutrinários ou tradicionais; assenta única e exclusivamente na Rocha Eterna, que é o Senhor nosso Deus.

O povo de Deus reconheceu sempre a conveniência de se reunir, periódicamente, para melhor tratar dos assuntos que dizem respeito à Obra de Deus.

Já avisadamente anunciara o Sábio: «... na multidão de conselheiros há segurança» (Provérbios 11: 14).

Por isso se realizam as Assembleias que, no dizer da Irmã White: «são um dos agentes mais importantes da nossa obra para atrair a atenção do povo». (*Testemunhos*, vol. 6, pág. 31).

Muito se tem falado ultimamente, de Ecumenismos e de Concílios. Todas as denominações reconhecem a conveniência de tais reuniões, pois fornecem grandes oportunidades para reajustamentos de forças e de actividades.

Enquanto determinados movimentos conciliares se destinam a promover unidades, e tais unidades muito alheias ao propósito divino, estamos nós procurando, na simplicidade das nossas Assembleias «promover a vida espiritual entre o nosso próprio povo... Deus confiou-nos uma obra por demais sagrada, e necessitamos de nos ajuntar em reunião para receber instruções, a fim de nos habilitarmos a realizar essa obra. Precisamos de compreender qual a parte que seremos individualmente chamados a

desempenhar na edificação da Obra de Deus na terra, em vindicar a Sua santa Lei, e em exaltar o Salvador como «O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». Precisamos de nos reunir e de receber o toque divino para compreendermos qual deva ser a nossa obra.» — (*Testemunhos*, vol. 6, págs. 32, 33).

Os vários movimentos ecuménicos que se têm processado, em larga cópia, nos últimos tempos, dirigem os seus trabalhos para a consecução de objectivos meramente terrenos. Preocupam-se, como se sabe, fundamentalmente com a unidade das igrejas, baseando-se nos vários passos escriturísticos que a ela se referem. Mas as suas tentativas alargam-se para objectivos que dizem respeito, apenas, a este século. Continuam a perder de vista o acontecimento magno da História: a Volta iminente de Jesus, comportando-se como se tal evento fosse um símbolo ou como algo que se encontra, ainda, num futuro imensamente longínquo fora dos domínios da História, como numa nebulosidade caótica.

Não se quer ver o ardil de Satanás desviando as atenções das comunidades religiosas para os assuntos deste mundo. Perante o descalabro que alastra pelo mundo fora, em todos os domínios, em todos os sectores, é evidente que todas aquelas vozes que se erguerem no coro

imenso da desarmonia mundial, vozes que falem de paz, de concórdia, de caridade, de unidade, serão apreciadas e acarinhadas. Porque a verdade é que a humanidade agitada e inquieta deseja a paz, a tranquilidade e com elas a felicidade, já aqui nesta pobre terra, onde Satanás campeia.

Sabemos, porém, que o mundo não pode dar a paz, a verdadeira paz, porque a não tem, pois ninguém dá o que não tem. Só o Salvador, o Príncipe da paz é que a pode e há-de dar. Todos nós suspiramos por aquela unidade que faz um de todos e da qual deriva, na plenitude da vida, a plenitude da paz.

Para melhor nos adestrarmos nos combates que temos de continuar a travar contra as forças do mal, vamos reunirmo-nos nas Assembleias deste ano, «para aprender a fazer uma obra mais perfeita para o Mestre. Devem ser uma escola, onde os membros da igreja, velhos e moços tenham oportunidade de aprender mais perfeitamente os caminhos do Senhor, um lugar onde os crentes recebam educação que os habilite a ser de auxílio a outros.» (*Testemunhos*, vol. 6, p. 49).

Unidos e reunidos no corpo místico da Igreja cuja cabeça é Jesus, bem sabemos que só na união da cabeça com os membros pode haver vida, actividade e eficiência.

Sejamos os membros dóceis mas operantes ao serviço do Mestre para que numa perfeita unidade de fé, sentimentos e acção possamos levar a toda a parte as boas novas da Mensagem e forçar, assim, amorosamente, a gloriosa e bendita Volta do nosso Salvador, Jesus.

## A Escola Sabatina—o Coração da Igreja

(Continuação da página 4)

escola missionária. Recordemos a afirmação da Irmã White: «Há na Escola Sabatina, um precioso campo missionário, e se agora há sinais que fazem prever o bem, são eles apenas indicações e começos do que pode ser feito.» (S. S. W., Janeiro de 1889). A Igreja, atenta

e diligente, na Escola Sabatina, revela-se eminentemente missionária, pois é ali, naquela grande Escola que vai aprender e meditar as verdades eternas que têm de ser levadas, rapidamente, até aos confins do Mundo, para abreviarmos a Volta Gloriosa do Salvador.



O coro masculino

cra, no dia de Páscoa, no templo adventista desta cidade.

Muito antes da hora fixada, já o vasto salão se encontrava repleto, não só de crentes adventistas, como também de simpatizantes e de apreciadores de boa música.

O Orfeão, precedido de bem justificada fama, pelas actuações que já fizera em várias localidades do País, excedeu a geral expectativa. Pode dizer-se que foi um invulgar recital de música sacra, não só pela concepção do sugestivo programa, como também, e, principalmente, pelo seu desempenho sempre numa afinação correcta e primorosa interpretação.

Às 21.30, abriu a sessão o Pastor Lourinho, em representação do di-

## O Orfeão do

O Orfeão do Curso Teológico visitou várias igrejas do País, tendo dado recitais que mereceram os melhores encómios de quantos tiveram o privilégio de assistir.

Deslocou-se, primeiramente, ao Norte, regressando por Viseu e Coimbra, para terminar, precisamente, na Páscoa, em Portalegre.

Com a devida vénia transcrevemos do semanário portalegrense «A Rabeca» a notícia que publicou assinalando o acontecimento:

«Invulgar recital de Música Sacra.

Conforme fora anunciado, o Orfeão do Curso Teológico Adventista deu um recital de música sa-



O Coro

rigente da Igreja Adventista de Portalegre. Palavras sóbrias de apresentação do Orfeão e de saudação aos assistentes. Seguidamente, usou da palavra o Director do Movimento em Portugal, Pastor Armando Casaca, nosso ilustre conterrâneo, cuja folha de serviços à sua religião e à Pátria é já notável, tanto nas nossas Províncias Ultramarinas, como na Metrópole.

O Orfeão deve-lhe a existência. Foi o Pastor Casaca quem abriu, em Lisboa, o Curso Teológico Adventista, de que é o Director e Professor. Graças ao seu entusiasmo por tudo quanto representa progresso e ascensão, propôs-se organizar um Orfeão com os seus teólogos. E aí está essa maravilha que nos foi dado ouvir, sob a proficiente



O coro feminino

# Curso Teológico



O «trio feminino»



Nos «Espirituais Negros»

regência da sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Raposo Dias.

Digna de relevo a actuação do quarteto masculino nos *Espirituais Negros*. Foi-nos sobretudo grato ouvir estes melodiosos *Espirituais* boa e verdadeira música, que nos arrebatava e conduz para regiões de beleza e de paz.

Terminou o recital com algumas palavras de agradecimento pelo Pastor José Abella, professor do Curso Teológico Adventista, que elogiou a maneira hospitaleira como Portalegre os soube receber.

Findamos a nossa pequena reportagem, fazendo-nos eco das palavras que se entrecruzavam nos ares: Parabéns, muitos parabéns e que voltem mais vezes!»

# A VOLTA DE JESUS NA FEIRA MUNDIAL DE NOVA IORQUE

(Continuação da pág. 1)

zios de sentido, comparados com a urgência e a importância da missão evangélica actual, que, precisamente, escolheu para realçar no grande certame da Feira Mundial.

Assim que se entra no Pavilhão da Igreja Adventista, o visitante é recebido por um harmonioso jogo de luzes que correm ao longo das dobras prateadas de um vasto pano de cena. Ouvem-se, súbitamente, algumas notas musicais de um antigo instrumento de cordas, seguidas por estas graves palavras de um orador invisível: «E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem...»

Um ribombar de trovão e afastam-se as cortinas. O espectador, bruscamente transportado para uma visão do fim do mundo, vê as altas vagas de um maremoto precipitarem-se para ele, rugindo violentamente; sente o solo a tremer, ao passo que ao longe desmoronam-se os edifícios, risca-se o céu negro pelas chamas de fogo que surgem da crosta da terra!

Dominando a cena, que silhuetas desvairadas percorrem em busca de refúgio, salienta-se Jesus acompanhado dos seus anjos, resplandecentes de glória que ilumina as negras nuvens do cataclismo final. Num canto, afastado, um pequeno grupo de crentes contempla, alegremente, Aquele que aguardavam!

Todo este quadro se serve dos recursos da electrónica e utiliza três dimensões num écran gigante estereoscópico e que foi preparado e montado pelos nossos técnicos; chamaram-lhe «quadro animado», ou simplesmente «Ilumidrama». Em três minutos e meio permite aos assistentes viver com um máximo de intensidade e de realismo os acontecimentos finais da história do mundo, tais como são descritos pela profecia bíblica. O comentário falado que acompanha a exibição compõe-se exclusivamente de textos da Escritura; a divisa geral do Pavilhão Adventista resume toda a demonstração com estas simples mas fortes palavras: «Ele vai voltar dentro em breve»!